

CRISTINA ROBALO CORDEIRO  
COORDENAÇÃO

# TOLOGIA

## FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80  
à atualidade

iu

## RECONSTITUIR OS TERRITÓRIOS<sup>1</sup>

*Alexandre Gefen*

Alexandre Gefen fez a sua agregação em Literaturas Modernas na Universidade Paris IV – Sorbonne, onde também é professor e se dedica ao estudo de questões de teoria literária aplicadas à literatura francesa contemporânea. É autor da Fabula.org e, paralelamente, tem vindo a interessar-se pelos campos das Humanidades numéricas e pelos desafios da inteligência artificial nas ciências humanas. É diretor-adjunto científico do Instituto das Ciências Humanas e Sociais do CNRS, tendo vindo a dedicar-se à secção 35 do CNRS sobre “Filosofia, literatura, artes”. É autor de *La Mimesis* (Flammarion, 2002), *Inventer une vie, la fabrique littéraire de l’individu*, (Les Impressions nouvelles, 2015), *Vies imaginaires de la littérature française* (Gallimard, 2015). *Réparer le monde. La littérature française face au XX<sup>e</sup> siècle* (José Corti, 2017).

Neste capítulo, Alexandre Gefen reequaciona a representação do território, à luz das investigações geográficas da literatura francesa do século XXI, rejeitando a sua fragmentação e apoiando uma literatura-mundo, baseada numa geografia económica e cultural global e onde a natureza se encontra em pé de igualdade com o homem.

---

<sup>1</sup> O presente excerto foi retirado do capítulo XI “Retisser les territoires” da obra *Réparer le monde. La littérature française face au XXI<sup>e</sup> siècle* de 2017, pp. 199-202.

## Proteger o mundo

“[Os livros] não são apenas letras impressas numa página, mas antes caracteres vivos que podem ser traduzidos em todas as línguas e formas de vida. Leio-os sobre os líquenes e a casca das árvores; observo-os nas ondas do mar; eles voam com os pássaros, rastejam com os vermes; descubro-os no riso, nos rubores, no brilho do olhar dos homens e das mulheres”, escrevia Emerson<sup>2</sup> para defender a continuidade entre a biblioteca, a humanidade e a natureza: o horizonte desta exploração autorizada pela capacidade da literatura em tornar-se elo e em reintegrar o indivíduo no concerto do mundo, é a abertura transcendentalista em direção ao universo e ao ente. Um novo panteísmo nasce nas escritas em coro do espaço e continua a ser alvo de uma atenção ecológica. Terminarei, pois, esta reflexão com o desejo contemporâneo de refazer o mundo, usando algumas palavras, em relação áquilo que se poderia chamar a remediação ecológica da literatura. Antes mesmo do aparecimento da ecocrítica e, depois, da eco-poética, logo na primeira década do século XXI<sup>3</sup>, o discurso literário quis contribuir à sua maneira para restaurar a unidade do ente. Poder-se-iam destacar várias formas de intervenção literária, que estão um pouco para a literatura como os projetos de remediação da *land art* estão para a arte contemporânea<sup>4</sup>: o desejo de salvar, pela lembrança dos lugares devastados pelo Antropoceno (as mediações sobre os espaços selvagens de Jean-Loup Trassard,

---

<sup>2</sup> Ralph Waldo EMERSON, *Société et solitude*, trad. de M. Dugard, Paris, Armand Colin, 1911, p. 191.

<sup>3</sup> Ver Pierre SCHOENTJES, *Ce qui a lieu: essai d'écopoétique*. Marseille, Ed. Wildproject, 2015 e Alain ROMESTAING, Pierre SCHOENTJES, Anne SIMON, “Essor d'une conscience littéraire de l'environnement”, *Revue critique de fixation française contemporaine*, 2012, URL:[www.revue-critique-de-fixtion-francaise-contemporaine.org/rcffc/article/view/fx11.01/997](http://www.revue-critique-de-fixtion-francaise-contemporaine.org/rcffc/article/view/fx11.01/997).

<sup>4</sup> Ver, a esse respeito, Alan BERGER (ed.), *Designing the Reclaimed Landscape*, Abingdon, New York, Taylor & Francis, 2008.

Jean-Christophe Bailly ou ainda Pierre Bergounioux, por exemplo, que se encontram aqui na continuidade do seu trabalho sobre os territórios perdidos), o desejo de se tornarem advogados dos espaços selvagens e de proporem, pela literatura, uma leitura descentrada do humano, até mesmo um novo panteísmo que reintegraria o mundo natural no mundo humano, tal como acontece com a literatura-mundo de Maylis de Kerangal e Laurent Mauvignier. Trata-se então quer de manifestar empatia narrativa em relação aos animais quer de reconhecer o seu espaço (“Essas presas inofensivas e ternurentas, nunca duvidei que tivessem uma anterioridade. Conheci o seu valor e a sua fragilidade. E era a nossa obrigação protegê-las”, escreve Alice Fernay<sup>5</sup>), quer de defender os defensores (a própria Alice Ferney torna o seu livro “[num]a homenagem merecida a todos aqueles que oferecem a sua existência à Terra<sup>6</sup>), quer ainda de desenvolver uma cognição alargada e descentrada que recusa qualquer “corte “natural” no espectro das similitudes e das diferenças que cobre a distância entre ti e um cão, ou entre ti e um dos robôs de Asimov<sup>7</sup>”, indo, uma vez mais, apropriar-me de uma fórmula de Richard Rorty. Apesar de esta literatura se expor ao risco do antropomorfismo – tal como a literatura das marginalidades se expõe ao de obrigar os subalternos a falar contra a sua vontade –, ela produz uma escrita do animal, apregoando o que Jean-Marie Schaeffer chamou, num livro influente, “o fim da exceção humana<sup>8</sup>”: Stéphane Audeguy, grande especialista da ventriloquia literária, conta a vida imaginária de um leão tal como Pierre Michon fazia a de Van Gogh (*Histoire du lion Personne*, 2016), completando a imensa lista dos escritores que pensaram a

---

<sup>5</sup> Alice FERNEY, *Le règne du vivant: roman*, Arles, Actes Sud, coll. “Domaine français”, 2014, p. 12.

<sup>6</sup> *Ibid.* p. 2002.

<sup>7</sup> Richard RORTY, *Contingence, ironie & solidarité, op. cit.*, p. 263.

<sup>8</sup> Jean-Marie SCHAEFFER, *La Fin de l'exception humaine*, Paris, Gallimard, coll. “NRF essais”, 2007.

alteridade animal por intermédio de um gato; Marie Nimier, Renaud Camus ou Michel Houellebecq põem os seus cães em cena; Pascal Quignard relembra as analogias existentes entre os genocídios e a caça (“O que quer dizer com inclinações morais da espécie humana? O extermínio da fauna? A Invenção da escravatura? A crucificação? A invenção do trabalho? A guerra? Os campos polacos? Os campos da Sibéria? As fossas do Ruanda? As prateleiras metálicas do Camboja?<sup>9</sup>”) e Jean-Baptiste Del Amo denuncia a pecuária intensiva num vasto fresco (*Règne animal*, 2016). “Os vossos pais não sabem nada sobre os animais abandonados e as crianças selvagens, mas vocês, vocês saberão<sup>10</sup>”, clama Olivia Rosenthal em *Que font les rennes après Noël?*: trata-se de processar e julgar os culpados, de reparar os danos causados aos animais, mas também, e de uma forma um pouco paradoxal, de libertar os animais da linguagem humana por intermédio da linguagem literária. Daí a existência de narrativas cujas testemunhas são animais (estou, por exemplo, a pensar em *Dicours aux animaux*, de Valère Novarina<sup>11</sup>), para reinventar uma palavra no horizonte descrito por Jean-Christophe Bailly de uma “ficção falante de um mundo dessubstantivado, de um mundo que ainda não conheceria os nomes e que talvez não estivesse à espera deles, comportando-se livremente fora da sua norma, da sua jurisdição<sup>12</sup>”. Quando se trata de escutar as vozes do mundo para, de seguida, fazer ouvir “o dito de viva-voz, mesmo sendo a do sapo e do gibão<sup>13</sup>”, quando, tal como refere Marke Payne, “o homem não vê mais as suas interações com o animal como o encontro da natureza

---

<sup>9</sup> Pascal QUIGNARD, *Les désarçonnés*, *op. cit.*, p. 158.

<sup>10</sup> Olivia ROSENTHAL, *Que font les rennes après Noël?*, Paris, Verticales, 2011, p. 28.

<sup>11</sup> Valère NOVARINA, *Le Discours aux animaux*, Paris, P.O.L., 2016.

<sup>12</sup> Jean-Christophe BAILLY, *Le Parti pris des animaux*, Paris, C. Bourgois, 2013, p. 102.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 109.

e da cultura<sup>14</sup>”, com toda a evidência, as operações permitidas pela imaginação e enunciação literárias tornam-se indispensáveis. Quer se alimentem da tradição emersoniana, quer de um heideggerianismo latente, quer ainda do pensamento do mundo heterogêneo, mas nivelado por “novos realismos”, estas escritas rapsódicas das vozes animais – se não forem vegetais –, estas projeções excentradas, descrevem um mundo que o homem não poderia voltar a habitar, a não ser que se afastasse dele enquanto homem. A literatura gostaria de restaurar uma velha simpatia universal para dissolver na natureza, da qual ela é, no fundo, um ruído como qualquer outro. Fica patente que um tal programa não é mais o do Romantismo: a literatura escrita, dizem-nos os seus metadiscursos, enquanto resposta a um meio ambiente martirizado que é necessário tratar pelas palavras, ela fala em nome de uma natureza que não dialoga mais naturalmente com o homem, mas à qual é necessário voltar a dar voz própria e a sua fragilidade, mesmo que se desestabilize completamente o regime realista<sup>15</sup>. A natureza não é mais uma globalidade abstrata passiva e separada, mas um reino povoado por entidades iguais aos humanos e que estão à espera de individualização<sup>16</sup>: no seu projeto contemporâneo de reconstituir o mundo, a literatura quer restaurar a coesão do espaço como a do ente.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE  
MARIA EUGÉNIA PEREIRA

Universidade de Aveiro

---

<sup>14</sup> Mark PAYNE, *The Animal Part: Human and Other Animals in the Poetic Imagination*, Chicago, The Chicago University Press, 2015, p. 145 (tradução da minha autoria).

<sup>15</sup> É a hipótese muito forte de Amitav GHOSH em *The Great Derangement: Climate Change and the Unthinkable*, Chicago, The Chicago University Press, 2016, p. 24 e seg..

<sup>16</sup> Ver Pierre SCHOENTJES, *Ce qui a lieu: essai d'écopoétique*, op. cit., p. 164 e seg..